

A TASCA DA TEREZONA

Elas vieram se achegando

Uma a uma...

Trazendo os corpos e os planos

Empoeirados de lágrimas e estradas

Pra uma vida nova nesse fim de mundo!

Tinham o céu nos sonhos dos sorrisos largos

E laços coloridos nos cabelos negros,

Passando imagens plenas de inocência

Em uma estampa coberta de pecados...

Limparam a casa... Dividiram os quartos

E, numa tentativa simbólica de família,

Até faziam os sonhos parecerem lares!

A notícia se espalhou entre a peonada

De que, na casa verde, ao fim do corredor,

Chegaram mais quatro chinas,

Meninas flores de trevo,

Ainda na tenra idade,

Com jeito de moça esperta

E malícias lá da cidade!

Uma luz rubra no oitão da entrada
Anunciava “permissos” de paragem
Que o andante conhecia muito bem...
Lá dentro, uma penumbra de candeeiro
Mesclada na fumaça do palheiro
E uma vontade danada de ir além!

A noite exorcizava os seus demônios
Na volúpia exuberante dos carinhos
E o álcool torpe dizimava a dor.
O, tempo já sem tempo pra saudade,
Encobria uma senil felicidade
E os fósseis antigos de outro amor!

Distribuía paixões e fantasias
Nas luxúrias lascivas dos chamegos
E incendiavam os catres de pelegos
No devasso furor de corpos quentes,
Sem importarem se o amor tem preço
Ou se um corpo, em outro endereço,
Preenche espaços de outro corpo ausente!

Um cheiro etílico nos ares
E batom vermelho nas bordas dos copos...

O tango tastaviava nos seus passos

Um bailado torpe e indecente
Que era regado de ironia e de cerveja,
Excomungado na família e pela igreja,
Mas refúgio de amor praquela gente!

Os peões traziam dízimos de changas
E o suor queimado em tardes de lavoura,
Que cambiavam por momentos de carinhos
E juras desconexas de um amor eterno!

Um templo sagrado e confidente
Para uma fuga devassa dos carentes
Que precisam exercitar a timidez...
Tentação libertina para o peão
Que cansou de provocar a solidão
Nas impaciências da “primeira vez”!

Mas...

Tudo o que é liberto dá benção ao ódio...
E um comitê de “santas” paroquianas
Começou marchar incontinenti e inconformado,
Pelo pudor da família
E bons costumes!

Veze que outra algum resmungo
Pipocava o teto a bala...

Uma frenética disputa por freguês
Creditava todo o amor pro fim do mês
Quando as guaiacas iam recheiar-se em novos “pilas”.
Uma conta corrente no caderno
Com um débito pra saldar no fim do inverno
Quando abrirem-se as tesouras das esquilas!

... e a passeata de preto ganhou formas
Recrutando mais bíblias e guerreiros!
À frente um general – Cruz e batina,
Levando um exército de beatas
Pra combater, na guerra santa da decência,
Meia dúzia de Marias Madalenas!

Juntaram os trastes... Esvaziaram os quartos...
E a tentativa simbólica de família
Desmoronou os sonhos que queriam lares...

Uns chamavam de tasca, outros de zona
E batizaram com o nome de sua dona
Que, dizem, nem mulher da vida era,
Mas que o pudor e o poder da “santidade”
A expulsou, com o chinaredo, pra cidade
E decretou que a casa era tapera!

Elas foram se bandeando

Uma a uma...

Levando os corpos e os planos

Empoeirados de lágrimas e estradas

Pra outra vida nova em outro fim de mundo!